

O marketing do “mal”

Na década de 80, as farmácias brasileiras iniciaram um grande movimento para atrair clientes, com promoções e descontos nos preços dos medicamentos. A estratégia é abominada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), porque induz à auto-medicação, à compra, muitas vezes, desnecessária de medicamentos e à formação de estoque desses produtos, sem precisão. Já na década de 90, o *marketing* utilizado pelos estabelecimentos farmacêuticos foi o da entrega em domicílio. Esse nicho de mercado pareceu uma febre, tanto que se popularizou. Mesmo em pequenas cidades, a estratégia foi vigorosamente utilizada, mas levou algum risco aos pacientes, vez que a orientação farmacêutica prestada diretamente ao usuário do medicamento foi suprimida. Agora, nesta primeira década do século XXI, a venda do produto farmacêutico pela Internet ganha força e preocupa. “É um serviço perigoso, que se expande para a venda de drogas lícitas”, adverte o Vice-presidente do Conselho Federal de Farmácia, Edson Taki.

Segundo previsão do Dr. Edson Taki, se não houver um freio legal, esta década pode ser identificada, no universo farmacêutico, como a da venda pela Internet. O *marketing*, com o seu *feeling* apurado, percebeu a busca dos pacientes pela comodidade e praticidade da venda virtual de medicamentos e tenta consagrar o afastamento do paciente do farmacêutico. Mas os prejuízos dessa prática são devastadores.

O dirigente do CFF lembra um relatório concluído recentemente pela Organização das Nações Unidas (ONU), que alerta as autorida-

des sanitárias do mundo inteiro para o rápido aumento do tráfico de drogas lícitas (medicamentos controlados) pelas farmácias virtuais. “Mas a venda de medicamentos pela Internet é muito mais grave do que se imagina, pois, além do tráfico, ela acumula outros graves problemas à saúde da população”, alerta.

Pelo “cibertráfico”, conta Edson Taki, as farmácias estão vendendo medicamentos controlados sem receita médica e sem nenhuma orientação farmacêutica ao usuário. O relatório da ONU, realizado por sua Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE), informa que os *e-mails* são a principal forma de atuação do tráfico.

O diretor frisa que o “cibertráfico” é impiedoso e tem por alvo, por exemplo, os ex-pacientes. Muitos deles, durante o tratamento, foram usuários de múltiplas drogas, mas se tornaram dependentes e permanecem fazendo uso de medicamentos, mesmo depois de terem

concluído o tratamento. De acordo com a ONU, entre 1985 e 2002, houve um aumento de 163% no número de internações hospitalares decorrentes do uso descontrolado de analgésicos cujos princípios ativos são narcóticos, como a codeína, morfina, tramadol, petidina, entre outros.

“Os perigos da venda de medicamentos pela Internet começam já na ausência física do farmacêutico, o que quebra a indispensável relação deste com o usuário do produto”, explica. Diz que, sem a assistência farmacêutica, o medicamen-



to passa a ser um produto fora de controle, podendo provocar malefícios de toda natureza, como intoxicações graves. “Sem os serviços do farmacêutico prestados diretamente ao paciente, o uso do medicamento tem a sua segurança muito diminuída”, acrescenta Taki.

Mesmo outros medicamentos, também vendidos pela Internet, oferecem grandes perigos. “Tomados irracionalmente e sem orientação, qualquer medicamento pode agravar a sua toxicidade”, declara. O farmacêutico lembra que o comércio remoto, por fugir à fiscalização e a qualquer tipo de controle, pode ainda fazer com que produtos falsificados ou com validade vencida às mãos de usuários incautos.

O Dr. Edson Taki apela às farmácias, no sentido de que usem uma estratégia de vendas ancorada nos serviços farmacêuticos. Esta, sim, além de ser aliada à saúde e de ter caráter legal, será o *marketing* do futuro, aposta ele. O dirigente do Conselho cita casos de estabelecimentos e mesmo de redes inteiras que já estão adotando a atenção farmacêutica como estratégia de vendas. “A venda pela Internet, a promoção de medicamentos do tipo *leve três e pague dois* são *marketings* do mal”, critica Edson Taki.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista



Vice-presidente do CFF, Edson Taki, alerta para o perigo de certas estratégias de venda de medicamentos